

De Volta a Portugal

Dei-lhe os colares, os anéis, máscaras e braceletes que tinha comprado em cada país, para a sua colecção. Ela beija-me e parte. De um momento para o outro, ela deixou de ser minha e eu deixei de ser dela.

Pouco tempo depois o meu amigo Ricardo Cera, bate à porta. As suas primeiras palavras foram:

- Mano, tens de tomar banho.

Sorrio, sei que tenho. Em seguida abraçou-me com força. Um abraço forte que transmitia amor, que me enchia de alegria. Os meus amigos, sempre foram as fundações do meu ser. Eles sempre tiveram ao meu lado, em especial nas horas difíceis. Lembro-me de ter uma discussão com o meu pai, por ele dizer que eu dava demasiada importância aos amigos – Os amigos vão e vêm. Pensas que eles te dão a mesma importância que tu lhes dás? Ele tinha encontrado algo que eu tinha escrito, dizendo, que preferia comer uma sandes com os meus amigos, que um banquete com a minha família. Ele tinha ficado furioso. O que eu tinha escrito não era completamente verdade mas era o que eu sentia no momento em que o escrevi. Ele não entendia. Talvez porque eu nunca lhe tenha explicado. Não era que preferisse os meus amigos à minha família, os meus amigos eram parte da minha família. Com eles eu desabafava as minhas dores, os meus medos, era com eles que eu me sentia mais livre de ser eu mesmo.

Enquanto estava em Portugal, trabalhava nas exposições de antiguidades. Não era um trabalho fácil, mas era um trabalho ideal para poder viajar. Podia ganhar em pouco tempo dinheiro suficiente para partir para outra viagem. Normalmente o trabalho ia de 15 a 25 dias, dependendo da exposição. Tinha horário para entrar, mas nunca para sair. Um dia de trabalho podia ir de 12 até 18 ou 24 horas. A maior parte dos dias era a carregar placas, que pesavam 50 quilos. Comecei a ganhar 25 euros por dia, não interessava quantas horas. Como eu disse, não era um trabalho fácil.

Depois de chegar da Índia fiz uma dessas exposições. Queria partir para algum lado mas não sabia para onde. Sabia que podia sempre voltar a Tenerife mas não queria afastar-me muito do local onde a mulher que amava estava. Havia uma esperança, talvez eu mudasse, talvez ela mudasse. Não sei. Escolhi Marrocos, não estava longe, não precisava de viajar de avião, era um país barato para viajar e ainda podia voltar a tempo para fazer outra exposição.

Apanhei o comboio para o Algarve, pelo caminho conheci três raparigas e um rapaz, todos eles vindos da Grécia. Estavam a fazer um Inter-Rail. Eles também queriam ir até Marrocos mas tinham ouvido histórias assustadoras, daquele país por terras africanas. Perguntaram se não me importava que eles fossem viajar comigo. Na verdade eu queria estar só com os meus pensamentos. Por outro lado, pensei de todas aquelas pessoas que me tinham ajudado, ao longo das minhas viagens. Essas pessoas ensinaram-me, ouviram-me, compreenderam-me. Todas elas tinham-me mudado para melhor, tinham sido os meus professores, sábios e amigos. Agora eu sentia-me quase na obrigação de fazer o mesmo. Do Algarve até Sevilha. Outro comboio e estávamos em Algeciras. Apanhámos o barco, em 30 minutos estávamos em África mas ainda no território espanhol. Foi na fronteira que o mundo como eu o conhecia mudara. Havia

pessoas em todo lado, tudo parecia desorganizado. Empurravam-se com as mãos erguidas defronte à cabine para tratar do visto. Nas colinas amareladas, do outro lado da fronteira, pessoas com roupas até aos pés desciam formando uma nuvem de pó. Assim que atravessámos a fronteira, um batalhão de táxis esperavam-nos. Todos eram velhos Mercedes. Provavelmente não havia um com menos de 500.000 quilómetros. Depressa descobri que as regras de quantos ocupantes por veículo eram diferentes das da Europa mas as mesmas que na Índia. Tudo depende do tamanho dos ocupantes, no nosso carro estavam sete, quatro atrás, 3 à frente. O mínimo para um táxi Marroquino. Eu ia à frente com um outro homem que não era pequeno, tive de viajar até Tetouane que ficava a uns 50 quilómetros, com os braços e cabeça de fora. Não por opção, como devem imaginar mas se metesse todo o meu corpo dentro do carro, o motorista não era capaz de pôr as mudanças. Detalhes.

Tetouane, foi sem dúvida a introdução a Marrocos. Tinha tido enorme importância na rota das caravanas. Sendo considerada património da humanidade com os seus maravilhosos monumentos. Nos dias que correm é mais conhecida pelo tráfico de haxixe. As montanhas de Riff estão nas costas da cidade, delas vem grande parte do haxixe que chega à Europa.

Uma mistura do mediterrânico com mundo árabe e vivido na cidade. Pessoas sentam-se nos cafés com grandes esplanadas, bebendo pequenos copos de chá, cada um com umas dez colheres de açúcar. Homens no piso de baixo, mulheres no piso de cima. É verdade que Marrocos é um país de machos, um país liderado por homens, onde as mulheres pouco têm a dizer. Onde os homens dizem algumas frases grosseiras às mulheres. Mas em Portugal ou em qualquer outro país mediterrânico não era muito diferente há alguns anos atrás. Lembro-me perfeitamente de ouvir nas ruas, em especial perto das obras, homens a gritarem obscenidades às raparigas e mulheres que passavam nas ruas. No entanto não passava disso. O mesmo se passa em Marrocos. Eles gritam, dizem aquilo ou aquilooutro, como (comia-te toda) ou (és boa como o milho) mesmo que não gostem de milho. Na verdade os seus sonhos molhados acabam na casa de banho, a contar azulejos. Se respeitarmos a cultura, religião e a forma de vestir, poucos problemas surgem pelo caminho. Podemos dizer que não gostamos, que está errado, que é uma estupidez. De qualquer maneira há que respeitar, senão não devemos visitar esses países.

Os meus companheiros queriam comprar haxixe. Eu arranjei alguém para vender, o que não foi difícil. O negócio foi feito, no terceiro piso duma velha pensão. Queríamos uma quantidade pequena. Os dois Marroquinos tinham uma pedra do tamanho do meu punho, pediam 25 euros. Eu ofereci 3euros. Ai começou a confusão. Entre eles havia o bom e o mau, tipo nos filmes de polícias. O mau gritava, esmurrava a porta, ameaçava que me matava deixando o quarto. O bom, dizia que 25 euros era um bom preço, que esse preço era porque era para mim, que se fosse outra pessoa seria o dobro. Os gregos entretanto estavam sobre a cama, todos juntinhos. Com os joelhos contra o peito e as mãos há volta dos mesmos. Pareciam um grupo de reféns. Tenho a certeza que se houvesse uma janela naquele quarto, eles teriam saltado, mesmo estando no terceiro andar. Chamavam-me e diziam:

- Paga os 25 euros, esses gajos são perigosos. Mais tarde nas ruas, eles podem querer vingança.

- Não há problema, isto é só negócio, os marroquinos são conhecidos pela sua arte de negociar.

- Mas ele ameaçou matar-te.
- Ninguém vai matar ninguém por 25 euros.

Essa última parte não estava bem certo. Tudo o que sabia de Marrocos era o que tinha ouvido pela boca de outros. Ninguém me tinha dito, que era normal esmurrar, pontapear, gritar e ameaçar de morte enquanto se fazia negócio. Duas horas depois, tínhamos chegado a um acordo. Quatro euros por metade da pedra. Apertámos as mãos e eles convidaram-me para beber um chá mais tarde. Eu recusei amigavelmente. Em caso de eles quererem mesmo vingança.

No outro dia apanhámos o autocarro para Fez. Fez, tem uma das mais antigas Medinas do mundo árabe. É considerada por muitos, a mais bonita de todas elas. Dentro das suas muralhas vivem 500 000 pessoas. Além da electricidade e dos turistas não há muito que tenha mudado desde os tempos medievais. Arranjámos um quarto no centro, da janela podemos ver a vida lá fora. Pequenas ruelas onde burros passam carregando enormes cargas, pequenas lojas vendendo de tudo. Homens a pintar os tecidos da mesma maneira que há 500 anos atrás, enquanto se ouve dos auto falantes das mesquitas as chamadas para as rezas. É fácil de imaginar que voltámos para trás no tempo. À noite a vida da Medina é mais extraordinária. Lâmpadas agarradas a fios eléctricos, caem dos tectos das pequenas lojas, iluminando o seu interior. Especiarias, tâmaras, carne, óleo, cachos, sabão, peixe, roupa e outro sem fim de produtos. Homens vendem espetadas com pão na rua. Os restaurantes vendem tejagine, omoletas, couscous e muitos, muitos chás. As cores, cheiros e barulhos transportam-nos para um mundo antigo. Não há dúvida, um sítio espantoso.

Um outro autocarro. Desta vez para as montanhas, o destino final era Midelt. Ao longo do caminho adormeci, acordei ao som do motor, que parecia explodir. Não podia crer no que os meus olhos viam. Quando deixei Fez, a cor predominante era o castanho, agora tudo era branco ao meu redor. Eu associava Marrocos, ao deserto, camelos, homens de turbantes, nómadas e temperaturas elevadas. Mas neve? Era como estar num sonho. Enquanto bebia chá, sentado no telhado do sítio onde ia dormir, via o Grande Atlas coberto de neve. Não era só o clima e a geografia que mudara, também as pessoas tinham mudado. Em Midelt, quase todos eram berberes, um povo muito diferente do marroquino. Eles eram homens livres, o seu país era o deserto. A sua língua, costumes e religião são diferentes. Foi no final do século dezanove, com a ocupação dos europeus, que o seu modo de vida teve de mudar, para grande parte deles. Muitos deles refugiaram-se nas montanhas e daí lutaram contra os seus inimigos. Outros para o deserto, de onde até hoje lutam pela independência.

Sempre que apanhávamos um autocarro, a história repetia-se. Com o condutor ou o ajudante a pedir mais dinheiro pelas mochilas. Eu tinha vindo da Índia, onde a arte de enganar é uma tradição, não ia deixar que ninguém me levasse a melhor. Como sabia que em cada autocarro havia que discutir, dizia aos gregos para irem para dentro arranjar lugar. Entretanto eu estava lá fora a gritar, abanando os braços dizendo que não iria pagar nada. Às vezes tinha de chamar a polícia. Tudo isso levava tempo mas eu recusava a ser enganado.

No final da viagem para Zagora, 5 ou 6 berberes vieram ao nosso encontro. Todos eles ofereciam sítios para ficar, o que nos interessava. Vendo que havia competência disse aos gregos para que ouvisse todas as propostas mas não aceitassem nenhuma até ver qual era a mais barata. No final, ficámos num sítio baratíssimo às portas do deserto, com

uma família Berber. No momento que cheguei, disse que iria subir à duna mais alta que os meus olhos vissem e de lá iria contemplar o deserto. Parti no outro dia de manhã cedo. Os meus companheiros também quiseram vir, apesar do dono da casa advertir para os perigos do deserto. Duas das raparigas desistiram depois de uma hora. Eu e Kiriakos e a outra rapariga continuámos. Não parecia estar muito longe, mesmo assim demorámos penso que umas 4 horas a chegar ao topo. Do topo tínhamos uma visão de 360 graus, um mar de areia aos nossos pés. Tinha valido a pena. Mas havia que voltar, foi aí que descobri que eles tinham bebido toda a sua água. Apenas tínhamos o meu litro e meio, o sol estava quase a pique, sabia que iríamos ter problemas. A meio do caminho de volta as sandálias do Kiriakos partiram-se, a areia fervia, fazendo enormes bolhas nos seus pés. Tirei a t-shirt e enrolei um dos seus pés com ela, ele fez o mesmo com a sua t-shirt no outro. A água já tinha acabado, agora o sol estava a pique, queimava, derretia. A rapariga deixa de conseguir andar. Tirei-lhe a t-shirt e pus-lhe à volta da cabeça, peguei nela ao colo e continuámos. Eu podia ver a casa, sabia que estávamos perto, sabia também que não podia desistir ou seria o final. Que estupidez. Havia água ali tão perto, há uma hora atrás estávamos a rir e a rebolar nas dunas.

- Estamos quase lá, estamos quase lá.

Dizia ao Kiriakos de 5 em 5 minutos. Quando chegámos tirámos as t-shirt dos pés do Kiriakos. Estavam em carne viva, no mesmo estado as suas costas. O deserto tinha-nos dado uma lição, uma grande lição, que eu jamais esquecerei.

Uma vez mais viajámos de táxi, uma vez mais eu tive de ir com metade do corpo de fora, desta vez até Marraquexe. Na grande praça, no centro da cidade homens de turbantes tocam flautas, com cobras a dançarem ao sabor da música. Era à noite que uma vez mais a cidade parecia despertar, com centenas de restaurantes e barracas a venderem comida. Eu estava a adorar Marrocos, estava tão perto da Europa mas tão longe. Eram 30 minutos de barco para passar para outro continente para que a nossa realidade como a conhecíamos se transformasse. O que outrora fora a nossa fantasia, o deserto, camelos, homens de turbantes e mercados fascinantes se tornaram na nossa realidade. É um país extraordinariamente lindo, desde praias, passando pelas montanhas até ao deserto.

Desde Marraquexe fomos para as praias de Essaoura, subindo lentamente pela costa até voltar à Europa. Apesar de todos os trabalhos, eu tinha gostado de viajar com os meus amigos. Eles tinham enchido o meu tempo e uma vez mais, tinham me ensinado. Dissemos adeus na paragem de autocarros de Algeciras. Abraçámo-nos profundamente e chorámos como se fôssemos amigos de sempre. E engraçado só tínhamos viajado por um mês mas estávamos tão ligados. Até hoje não os voltei a ver, mas continuo a comunicar com o Kiriakos regularmente.

Enquanto à mulher que amava, se já a tinha esquecido? Não, claro que não. Continuei a amá-la durante anos. Escrevi num dos muitos e-mails que enviei ao meu amigo Miguel - sabes porque choro de amor mas mesmo assim estou feliz? porque agora não tenho nada. Não tenho casa, não tenho dinheiro, não tenho país e não tenho quem me ame. Agora só livre, durmo na rua, como do lixo mas agora sou livre. Por não ter nada não posso perder nada, ninguém me pode tirar nada. Agora sou livre.